

HISTÓRIA E CULTURAS

“EU SOU ELA, LILITH, CONCUBINA DA ESCURIDÃO, PRIMEIRA CRIMINOSA E AUXILIADORA DOS DEMÔNIOS”: O IMAGINÁRIO DA BRUXA NO MARTELO DAS FEITICEIRAS (SÉCULO XV).

Gleudson Passos Cardoso.¹

Gabrielle Abreu dos Santos.²

RESUMO

As práticas mágicas existem desde a mais remota Antiguidade, e seus praticantes poderiam ser homens e mulheres, e desde o início da Inquisição, as acusações de bruxaria era destinada a ambos os sexos. Porém, em um certo momento essa prática passou a ser dirigida apenas às mulheres, as Filhas de Eva, pecadoras por excelência. O *Martelo das Feiticeiras*, manual inquisitorial, em seus capítulos, apresenta as argumentações necessárias para provar que o intelecto, a moral e o espírito de uma mulher era inferior. Nas seguintes argumentações, é possível verificar o repertório de leitura dos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, para a elaboração do documento canônico responsável pela caça às bruxas, como as bulas papais *Ad extirpanda* e *Summis Desiderante affectibus*, teólogos e livros bíblicos do Antigo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE: bruxaria, Inquisição, caça às bruxas.

SUMMARY

Magical practices have existed since the most ancient antiquity, and their practitioners could be men and women, and since the beginning of the Inquisition, accusations of witchcraft were aimed at both sexes. However, at a certain point this practice started to be directed only at women, the Daughters of Eve, sinners par excellence. *The Hammer of the Witches*, an inquisitorial manual, in its chapters, presents the arguments necessary to prove that a woman's intellect, morals and spirit were inferior. In the following arguments, it is possible to verify the reading repertoire of the inquisitors Heinrich Kramer and James Sprenger, for the elaboration of the canonical document responsible for the witch hunt, such as the papal bulls *Ad extirpanda* and *Summis Desiderante affectibus*, theologians and Old Testament biblical books.

1 Professor do Curso de História e do PPGHCE UECE, Pós-doutor em História Medieval pela Universidade do Minho – UMINHO e membro do ARCHEA-GPESq CNPq. Email: gleudson.passos@uece.br

2 Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e membro do ARCHEA-GPESq CNPq. Email: gaby_abreu_@hotmail.com. Telefone: (85) 99760-4550

HISTÓRIA E CULTURAS

KEYWORDS: witchcraft, Inquisition, witch hunt.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, é apresentada algumas reflexões e questionamentos acerca do imaginário da bruxa retratado no *Martelo das Feiticeiras*, documento canônico escrito entre 1484 e 1487, e os repertórios de leituras que os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger tiveram para a elaboração do manual de caça às bruxas.

O imaginário sobre a feitiçaria e a magia existem na maioria das sociedades desde os tempos mais antigos, e ele faz referência a uma história de criação e uso de imagens de uma sociedade na sua forma de agir e pensar, de forma única e complexa, e de acordo com o seu território e local social.³ E as representações são influenciadas pelas crenças e concepções folclóricas, e seu significado só se faz presente aos termos de compreensão do papel dos criadores da documentação que temos acesso, pois os padrões de representações nos escritos devem partir dos agentes responsáveis pela confecção de tais escritos e das informações propiciadas pelos mesmos.⁴

Devido a influência da tradição cristã, por meio de um processo de transformação e demonização gradual dos ritos pagãos, a feitiçaria foi se modificando até se tornar na bruxaria diabólica. No início da Inquisição as acusações de feitiçaria eram voltadas para ambos os sexos, e as perseguições eram contra heresias em geral. Porém, num dado momento, a prática da magia passou a ser associada apenas às mulheres, já que “houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva [...] E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente.”⁵

O ódio às mulheres e a caça às bruxas dialogaram bem: o período medieval com seus tênues limites entre a magia e o real, as crises que davam um ar apocalíptico a conjuntura, as mulheres que sabiam demais, as parteiras e curandeiras, o poder da Igreja Católica se expandindo... Todos esses fatores colaboraram para o surgimento da bruxaria.

Para alimentar os preconceitos e a misoginia, esforços não foram poupados: foram recolhidos materiais das Sagradas Escrituras e da própria tradição patrística. Segundo Zuber:

3 LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. (Tradução: Stephania Matousek). Editora Vozes, 2ª edição. Rio de Janeiro; 2009.

4 MORÁS, Antônio. *Cultura folclórica, referenciais culturais e as representações de entes espirituais*. In: Os entes sobrenaturais na Idade Média: imaginário, representações e ordenamento social. Editora Annablume; São Paulo, 2001.

5 *Malleus Maleficarum*. Heinrich Kramer; James Sprenger. Editora Best Bolso, 2015.

HISTÓRIA E CULTURAS

As mulheres são governadas pelo seu sexo. A morte, o sofrimento, o trabalho entraram no mundo através delas. [...] Tais são as verdades afirmadas à partida pela Escritura e pela tradição patrística. Por isso, controlar ou castigar as mulheres, e antes de mais o seu corpo e a sua sexualidade desconcertante ou perigosa, é tarefa para homens. A prudência e o saber masculinos não deixam de o fazer, e de forma suficiente. Provérbios ditados, mas sobretudo tratados médicos, teológicos, didáticos e morais forneceram, desde a Antiguidade, todo um arsenal.⁶

Segundo Simone de Beauvoir, “as religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço de seus desígnios”⁷, é possível observar o poder que o homem teve na história, tanto na questão de escrita sobre as mulheres, como na composição de documentos que compuseram um imaginário sobre essa figura feminina.

Para compreender as motivações dos inquisidores ao elaborar o *Malleus Maleficarum*, é necessária recorrer às suas fontes e seu repertório de leitura na tentativa de compreender as razões para a publicação de um manual responsável pelo momento sanguinário da caça às bruxas (e das mulheres). O artigo em questão terá um foco maior na primeira parte do manual inquisitorial: *Das Três Condições Necessárias Para Bruxaria: O Diabo, A Bruxa e a Permissão de Deus Todo-Poderoso*, onde apresentava a argumentação para provar a existência da bruxa e seus malefícios, e o suposto intelecto inferior da mulher em relação ao do homem, trazendo à tona, as questões relacionadas à formação da primeira mulher, Eva, vinda de um osso curvo.

DA FEITIÇARIA À BRUXARIA DIABÓLICA

A feitiçaria como conceito de relação com o cosmos e a sua manipulação para se obter o resultado desejado, na sua forma mais básica e primordial, existe em quase todas as sociedades do mundo, e em todas as variações culturais da feitiçaria, os seres noturnos são universalmente malignos. Por conta do momento dualista, na Europa medieval, das forças do bem, de Deus, contra as forças maléficas de Satã, a feitiçaria de algo simples e mecânico, tornou-se mais elaborada: o que antes consistia na evocação de espíritos e adivinhação, agora é um crime contra Deus, e seu praticante é o próprio Satã e seus agentes com o objetivo de destruir tudo aquilo que foi criado pelo Deus-Todo-Poderoso.

O mito da bruxaria foi construído pela Igreja Católica, em cima das religiões e mitos pagãos que ainda permeavam a Europa. A sua expansão e seu contato com as outras religiões

6 ZUBER, Christiane Klapish. **As normas do controlo**. In: PERROT, Michelle. DUBY, Georges. História das Mulheres: Idade Média – Vol. 2(Org.). (Tradução: Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota). Editora Afrontamento, Ltda. Porto, Portugal. 1990

7 BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: I. Fatos e Mitos**. Editora Nova Fronteira; 7ª edição. Rio de Janeiro, 1967.

HISTÓRIA E CULTURAS

resultou na eliminação sistemática destas: quando não era possível a sua extinção total, a Igreja se apropriava dos elementos pagãos, e o que não podia ser dominado, era demonizado. Essa foi uma das bases para a formação do imaginário sobre a bruxaria, ela foi composta por quatro fatores: a feitiçaria, a religião pagã, o folclore e a heresia cristã. E para a condenação da bruxaria a ideia de pacto com o Diabo era crucial, onde a bruxa se entregava e passava a servi-lo de livre e espontânea vontade.

Aproveitando-se do imaginário fértil da época, o surgimento da bruxaria causou pânico generalizado, o que ajudou na instalação dos instrumentos jurídicos, pois “possuídos de um fervor combativo, os cristãos não hesitam em lançar mão de práticas por eles condenadas para justificar a supremacia de sua fé.”⁸

Assim como a bruxaria, a figura do Diabo, muitas vezes dito como amante ou mestre das bruxas, também foi criado a partir da demonização de ritos e deuses pagãos, já que “a Idade Média encarregou-se de promover a redução completa das divindades pagãs à condição demoníaca.”⁹. Sendo uma base para a construção do “Mal”, as religiões pagãs foram extremamente necessárias para a propagação do “Bem”, como pode observar Carlos Roberto Nogueira:

“Era *necessária* para a coletividade cristã a existência e a encarnação do Mal. Era preciso que fosse visto, tasteado, tocado, para que o Bem surgisse como a graça suprema – o Belo e o Divino, em oposição ao Horrível e Demoníaco.”¹⁰

As crenças populares e o imaginário sobre o poder do Diabo e dos seus seguidores, as bruxas, noivas de Satã; de tanto serem repetidas, acabam por serem aceitas como fatos. Quando isso ocorre, as especulações escatológicas e teológicas são confirmadas pelos cristãos, onde o surgimento de heresias causa o pânico na população. Nesse momento, com o apoio das autoridades seculares, há o massacre dos heréticos, “os inimigos de Deus, os agentes de Satã.”¹¹

Por conta do pânico generalizado, agora, o diabólico e o Mal invade o mundo por completo. Apesar das Sagradas Escrituras designarem que os praticantes das magias poderiam ser homens e mulheres: “O homem ou mulher que pratica a necromancia ou adivinhação, é réu de morte. Será apedrejado, e o seu sangue cairá sobre ele.”¹², a vítima e seguidora, por excelência, é a

8 SALLMAN, Jean-Michel. *As bruxas: noivas de satã*. (Tradução: Ana Luiza Dantas Borges). Rio de Janeiro. Objetiva, 2002

9 NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. Editora Edusc – 2ª edição. Bauru, São Paulo; 2002.

10 IDEM, 2002, P. 103

11 IDEM, 2002, P. 50

12 Livro Levíticos, Cap. 20, v. 27

HISTÓRIA E CULTURAS

mulher. Pois a mulher é mais predestinada ao mal do que o homem e “Qualquer maldade é um nada diante da maldade da mulher: caia sobre ela a sorte dos pecadores.”¹³

Com tanto poder nas mãos, a necessidade de justificativa para os acontecimentos escatológicos e o mito de Eva, a primeira pecadora, à disposição, a Igreja Católica encontrou alguém para culpar pela morte dos animais, aos desastres naturais, à problemas de fertilidade dos homens e do solo: a mulher. E a sua alta posição na sociedade, lhes deu o espaço que precisavam para a difusão, pois:

Uma vez mais, há que partir dos homens, daqueles que, nesta idade feudal, detêm o monopólio do saber e da escrita, os clérigos; e muito particularmente dos mais letrados de entre eles, os mais influentes, os mais prolixos. Monges ou prelados seculares, têm a obrigação de pensar a humanidade, a sociedade e a Igreja, de as orientar no plano da salvação, de atribuir também às mulheres o seu lugar nesta divina economia.¹⁴

A filosofia escolástica e a teologia não acrescentaram novos e inéditos elementos ao imaginário da feitiçaria já existente, mas estabeleceram as razões cruciais e forneceram aos inquisidores uma estrutura intelectual na qual eles poderiam se apoiar e justificar a caça às bruxas. Os sermões que foram deixados se apresentam como o veículo e multiplicador da misoginia com base teológica, pois “a mulher é um ser predestinado ao mal. Assim, jamais tomaremos precauções suficientes contra ela.”¹⁵. Esses sermões, meio mais efetivo de cristianização, a partir do século XIII, difundiu e tentou fazer penetrar no imaginário o medo da mulher:

O que na Alta Idade Média era discurso monástico tornou-se em seguida, pela ampliação progressiva das audiências, advertência inquieta para uso de toda a Igreja discente que foi convidada a confundir vida dos clérigos e vida dos leigos, sexualidade e pecado, Eva e Satã.¹⁶

Os escolásticos estabeleceram a tradição de que na bruxaria era predominante a participação das mulheres, pois segundo ele, como as reuniões noturnas do Sabá eram presididas pelo Diabo em pessoa, entidade com grandes poderes, ao ponto de ser considerado rival de Deus, tal poder não poderia ser associado à uma figura feminina, e apesar de não descartar a sodomia e relações homossexuais, o Diabo se deitava mais vezes com mulheres. Segundo Aragão, as feiticeiras e as bruxas são mulheres à mercê do Diabo, a quem se entregam de corpo e alma em troca de poderes. As funções satânicas, às vezes, são exercidas por homens, mas “como deixámos

13 Livro Eclesiásticos, cap. 25, v. 18

14 DALARUN, Jacques. **Olhares de clérigos**. In: PERROT, Michelle. DUBY, Georges. História das Mulheres: Idade Média – Vol. 2(Org.). (Tradução: Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota). Editora Afrontamento, Ltda. Porto, Portugal. 1990

15 DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: uma cidade sitiada**. (Tradução: Maria Lucia Machado). Editora Companhia de Bolso, São Paulo, 2009.

16 DELUMEAU, 2009, p. 480

HISTÓRIA E CULTURAS

provado, á ultima evidencia, as mulheres são muito mais faceis de catechizar, ou hypnotisar pelo demonio, por nervosas, ou levianas.”¹⁷

A misoginia da caça às bruxas é composta por três tradições. A tradição literária clássica, onde os papéis femininos nas peças gregas e romanas eram de clara subserviência aos homens, sem ocupar papéis de poder, e quando os ocupam, é de forma maligna, como a feiticeira Circe e a assassina de crianças Medéia. Apesar das religiões politeístas possuírem deusas femininas e relações com o sagrado feminino, mesmo ainda, as mulheres apresentam papéis sociais de submissão ao homem.

A tradição hebraica apagou as deidades femininas e colocou as mulheres em posições inferiores mais que as outras tradições. A tradição dualista, que vê o mundo como uma eterna luta entre o Bem (o espírito) e o Mal (a carne), condena a carnalidade do ser humano, mas atuando ao lado da tradição hebraica, o mal da carne, a luxúria, foi direcionada apenas às mulheres, por serem as filhas de Eva, a primeira pecadora, e trazerem consigo o pecado no sangue.

No começo da Idade Moderna intensificou-se a caça às bruxas, e a mulher foi identificada como um agente de Satã, pela Igreja e pela a sociedade em geral, e o medo da mulher foi integrado e manipulado pelo cristianismo¹⁸.

O PAPEL DA REFORMA GREGORIANA

A Reforma Gregoriana ocorreu na Alta Idade Média, entre os séculos XI e XIII, e aconteceu pela necessidade da Igreja de lidar com as novas realidades, como os interesses das aristocracias laicas e dos poderes seculares. O resultado foi o nascimento de uma Igreja Romana enquanto instituição jurídica-canônica, e que durante os três séculos que se organizara, propunha diversas modificações no social e cultural, como uma organização clerical, liderada pelo Bispo de Roma, uma luta incessante contra a intervenção laica e secular, a moralização do clero e catolicização da sociedade¹⁹.

O que nos interessa aqui é a questão da moralização do clero. Um dos aspectos importantes desse processo reformatório foi a instituição do celibato dentre os clérigos, pois eles se relacionavam sexualmente e possuíam concubinas. Segundo Frazão da Silva:

17 ARAGÃO, Teixeira de. *Diabruras, Santidades e Prophecias*. Editora Vega, Coleção Janus. Lisboa, 1990.

18 SANTOS, Neila Cristina dos. GONÇAVES, José Artur Teixeira. *Um olhar analítico sobre o discurso deturpado e denominador das mulheres bruxas no manual Malleus Maleficarum*. Encontro de Iniciação Científica – ETIC. ISSN: 21-76-8498, Vol. 9, n. 9, 2013.

19 DA SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. *A Reforma Gregoriana e o Bispado de Santiago de Compostela segundo a Historia Compostelana*. In: Anuario brasileiro de estudos hispânicos, 10 (2000), 217-232. ISSN 008103-8893.

HISTÓRIA E CULTURAS

A moral sexual dos clérigos foi um dos principais alvos da ação reformadora e, portanto, tema de um dos decretos do Lateranense I. O cânone VII (1972: 226) é totalmente dedicado a esta questão. Nele, os sacerdotes, diáconos e subdiáconos são proibidos de viver com concubinas, esposas ou qualquer outra mulher com exceção daquelas que não levantassem suspeitas justificadas, como mães, irmãs ou tias.²⁰

Para assegurar e garantir a distância segura dos clérigos da lascívia, vários tratados e cartas foram escritas pelos pensadores da reforma, pondo a mulher “no seu devido lugar”. Como sabemos, o que predomina na sociedade é a escrita, a Igreja era responsável por pensar a sociedade na sua completude, estabelecendo os locais de cada um na história. As mulheres, claro, tiveram o seu, porém os homens que se dedicaram a escrever sobre elas, foram homens enclausurados em monastérios. Ou seja, a mulher sobre a qual escrevem é fruto da imaginação e influenciada pelo aspecto mais maligno do feminino presente na história do cristianismo: Eva.

Essa obsessão gera toda uma literatura clerical baseada nas escrituras e na tradição. Godofredo de Vandoma, um dos teólogos responsáveis pela Reforma, retoma as narrativas de Eva e a sua presença nas Escrituras, principalmente seu papel na Criação e na Queda, em Gênesis. Ela é a responsável por todos os males do mundo, a que cedeu à serpente (o próprio Diabo), recebendo assim, a maldição de sempre sentir dores na hora do parto, pois esse é o seu castigo.

Essas afirmações sobre o sexo feminino eram necessárias para que os clérigos se afastassem da mulher, que sempre foi moralmente hedionda e cuja a beleza é superficial. Odão de Cluny, outro responsável por essas “filosofias” acerca da natureza feminina afirma que:

A beleza do corpo não reside senão na pele. Com efeito, se os homens vissem o que está debaixo da pele, a vista das mulheres dar-lhes-ia náuseas... Então, quando nem mesmo com a ponta dos dedos suportamos tocar um escarro ou um excremento, como podemos desejar abraçar esse saco de excrementos?²¹

A Reforma tinha como um de seus objetivos a catolicização da sociedade, transmitindo seus ideais por meio de sermões nas missas. Enquanto no início da Reforma, no século XI, esses escritos permaneceram fechados dentro do próprio círculo eclesiástico, a partir do século XIII, temas como esses se espalham numa literatura clerical, e que possuíam um público mais vasto. Esses pensadores que estabeleceram o papel da mulher como a pecadora por excelência, influenciaram diretamente os escritores dos manuais da inquisição, como o *Malleus Maleficarum*, que apresenta toda a sua argumentativa centrada na demonização da mulher.

O MARTELO DAS BRUXAS E AS MULHERES

²⁰ IDEM, 2000

²¹ DALARUN, 1990.

HISTÓRIA E CULTURAS

O manual inquisitorial *Malleus Maleficarum*, escrito entre 1484 e 1487 (as datas divergem dependendo da edição ou das referências), pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger. Apesar de ter sido rejeitado pela Universidade de Colônia por ser antiético e ilegal à doutrina católica, o manual perdurou e foi usado pelas cortes seculares. O manual é dividido em três partes, onde é abordado como encontrar, como curar e como arcar com as medidas judiciais para se obter respostas, julgar e condenar um acusado de bruxaria.

Foi escrito com o consentimento da bula papal *Summis desiderantes affectibus* (1484), de Inocêncio VIII, que lhes deu autonomia para a supressão total da bruxaria, na Europa de Norte a Sul, utilizando a tortura como método de interrogatório, autorizada desde a bula *Ad extirpanda* (1252), que é afirmado:

Tendo em vista a solicitude [pelo rebanho] que nos foi confiado, nos propomos a extirpar do meio do povo cristão a cizânia da depravação herética, que em nosso tempo, se espalhou amplamente, semeando a licenciosidade em nome do Inimigo dos homens, tanto mais intensa quanto perniciosamente, à medida que negligenciarmos como ela causa a ruína dos princípios católicos. Desejosos, pois, que os filhos da Igreja e os defensores da fé ortodoxa se ergam e conosco se oponham aos artífices dessa perversidade, infra nós decretamos determinadas leis, com o fito de extirpar a praga herética, e [determinamos que] venham a ser observadas por vós e pelos fiéis defensores da Fé, com diligente cuidado.²²

A abordagem teórica para a elaboração do *Martelo das Feiticeiras* consiste na Bíblia Sagrada, junto com outros filósofos e teólogos, como: São Tomás de Aquino, São Cristovam, São Jerônimo, Aristóteles, Sócrates, entre outros; e também se apoia em leis canônicas e civis, tendo a atenção na questão de legitimação do discurso. O manual apresenta três capítulos e com a sua junção, os juízes saberiam como se posicionar em um julgamento por bruxaria, pois “[...] desenvolvemos essa obra para que possa ficar a cargo dos Juízes os métodos de processar, julgar e sentenciar nesses casos.”²³

Segundo Santo Agostinho, a bruxaria surgiu da ligação do homem com o Diabo, e é a arte mais hedionda pois busca profanar o Criador, a verdadeira Fé e destruir a alma dos homens, e a base dela, em um ato de explícito de ultrajar Deus, é o pacto com o próprio Diabo. Ele e seu séquito só podem agir por meio de instrumentos, que são as bruxas, e com a permissão de Deus-Todo-Poderoso.²⁴ Santo Isodoro, na Questão II, apresenta a definição de bruxas que:

22 Bula papal *Ad Extirpanda*, Papa Inocêncio IV, 1252 (Autoriza a tortura nos hereges)

23 KRAMER, SPRENGER, 1995, P. 381

24 VIANA, Geysa Novais. *As bruxas no Malleus Maleficarum: caracteres, práticas e poderes demoniacos*. Pós-graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

HISTÓRIA E CULTURAS

[...] são assim chamadas pela negrura de sua culpa, que dizer, seus atos são mais malignos que os de quaisquer outros malfeitores [...] elas incitam e confundem os elementos com a ajuda do Demônio, causando terríveis temporais de granizo e outras tempestades. E mais: enfeitiçam a mente dos homens, levando-os à loucura, ao ódio insano e à lascívia desregrada.²⁵

Havia a necessidade da existência das bruxas, da figura maligna, do agente do Diabo disposto a destruir a Criação, era necessário o Mal para a sobreposição do Bem. Por conta disso, a primeira questão levantada pelo *Malleus Maleficarum* é a própria existência das bruxas, e a falta de crença na existência do mal, era considerado heresia.

O documento *Canon Episcopi*, além de afirmar a existência das bruxas, trouxe importantes referências a respeito do sabá e também ajudou no processo de demonização das deidades femininas pagãs, como a deusa Diana²⁶. As Sagradas Escrituras também trouxeram afirmações sobre a existência de feiticeiras²⁷ e necromantes²⁸, e sobre demônios que possuem poder sobre a mente e o corpo dos homens.

As sanções e decretos estabelecidos pela Inquisição ficaram mais severos, agora que toda bruxaria envolvia pacto com o Diabo. A figura da bruxa em si também mudou, agora, ela não era mais uma mulher possuída ou tentada como vítima a compactuar com o Diabo, e sim uma mulher, que utilizando do seu livre arbítrio dado por Deus, compactua com o Diabo, uma vez e sua alma está perdida para sempre, e a sua execução é uma forma de salva-la.²⁹ A feiticeira agora seria condenada como um crime de lesa-majestade, ou seja, um crime cometido diretamente contra Deus e o seu Rei. O Sínodo de Paris, 829, usou citações da Bíblia como o Levíticos e Êxodo, e declarou que como as Sagradas Escrituras declaram a morte da feiticeira, o rei possuía o direito de castigá-la, porém, apenas, se ela tivesse realizado pactos com o Diabo, pois as bruxas são usadas como instrumentos para a destruição e profanação das obras do Criador.

Entretanto, as bruxas não devem ser condenadas por serem instrumentos do Diabo, e sim pelo prazer de servir ao Demônio, pois apesar do pacto realizado, ainda possuem o livre arbítrio dado por Deus, e os poderes do mal não podem modificá-lo. Por isso, condenada serão aquelas que permanecerem submissas ao Diabo por livre e espontânea vontade.³⁰ Porém, ao analisar essa passagem, é possível verificar o argumento arbitrário dos inquisidores. Segundo Russel, os

25 KRAMER, SPRENGER, P. 74, 2015

26 RUSSEL, 1993.

27 Ex. 22:18

28 Lev. 20:27

29 IDEM, 1993

30 KRAMER, SPRENGER, 2015

HISTÓRIA E CULTURAS

processos inquisitoriais eram feitos, na maioria das vezes, para acusar e culpabilizar mais do que para provar inocência, os inquisidores eram instruídos a procurar respostas com exames, torturas e ameaças, e por meio do medo, eram capazes de descobrir a bruxaria onde ela existia ou não.³¹

A arbitrariedade também é presente a respeito da representação da mulher no próprio manual³². Como seria possível dizer se a mulher estava sendo um instrumento do Diabo ou servindo-o de livre e espontânea vontade se, na Questão VI, a palavra “mulher” é apresentada como sinônimo de lascívia da carne, são ditas como as mais impressionáveis e possuem a tendência a cair em tentação mais que os homens, pois a sua origem é uma costela recurva e por isso possui um caráter desviante?

O Antigo Testamento tem muito a dizer sobre os malefícios das mulheres, por conta de Eva, a primeira pecadora que condenou toda a raça humana à dor e ao trabalho. Porém, no Novo Testamento, o Eva é substituído por Ava (Ave Maria), uma mulher mais digna, a mãe, a virgem.³³ Entretanto, apesar da mudança de perspectiva sobre a mulher nas Sagradas Escrituras, a presença de uma mulher pura e santificada aumentou ainda mais o abismo entre o ideal e o repudiado, numa tentativa de definir as duas opções viáveis para ser mulher: a bruxa ou a virgem.³⁴

CONCLUSÃO

O trabalho propõe uma abordagem elucidativa em torno das questões sobre a estigmatização da mulher dentro do contexto do século XV. Por meio do *Martelo das Feiticeiras* foi possível obter um direcionamento sobre a violência cometida em torno de uma política institucional de julgamento, proporcionada legitimamente pela Igreja Católica e por todos àqueles que estiveram envolvidos socialmente. É importante perceber que ela é o principal agente repressor acerca das mulheres, mas não o único, pois a própria sociedade em si, possuía uma vasta trajetória de práticas de hostilidade, exclusão social, discriminação sexual e dentre outros diversos tipos de violências contra a mulher em variados contextos.

Os procedimentos inquisitoriais expressados ao longo do medievo traduzem como foi exercido poder institucional propagado pela Igreja e a sua influência dentro da sociedade. Os documentos canônicos, as bulas papais e as consideradas escrituras sagradas sendo elas: os livros

31 RUSSEL, 1993

32 GEVEHR, Daniel Luciano. SOUZA, Vera Lucia de. *As mulheres e a Igreja na Idade Média: Misoginia, demonização e caça às bruxas*. In: Revista Acadêmica Licencia&acturas. V. 2; n. 1. p. 113 - 121. Janeiro/Junho; 2014.

33 IDEM, 2015

34 IDEM, 1993

HISTÓRIA E CULTURAS

bíblicos do Velho Testamento instrumentalizam essa forte repressão contra as mulheres e todas as demais manifestações presentes na sociedade, que de alguma forma se enquadrava como práticas de bruxaria ou heresia à crença divina vigente. A cultura letrada exerce papel importantíssimo na aplicação e na discussão dos métodos repressivos proporcionados pela Igreja, é nela que os manuais e leituras se sustentam, afim de se readequar a cada caso de insurgência contra a fé cristã.

Observar as percepções acerca da representação também é de muita importância para conseguir visualizar o contexto do imaginário da bruxa no século XV. E a principal representação é a da mulher nas sociedades do século XV, através de um longo processo de estigmatização já presente na antiguidade, o ódio a mulher na sociedade vai ganhando força e sendo fundamentado mediante a doutrina cristã. Porém, é preciso enfatizar que esta característica de aversão contra a figura da mulher na sociedade não é de exclusividade do medievo, nem mesmo das religiões providas pelo tronco das religiões abraâmicas.